

Os 30 milhões de votos que vão decidir a eleição

(Marcelo Cabral)

13:16 - Candidatos precisam conquistar a nova classe média para ganhar a corrida presidencial.

Um contingente formado por cerca de 30 milhões de eleitores será o foco de partidos e candidatos nas eleições presidenciais deste ano.

Trata-se da chamada classe média emergente, formada por pessoas que ascenderam para essa categoria ao longo dos últimos sete anos.

De acordo com dados do estudo *A Pequena Grande Década: Crise, Cenários e Nova Classe Média*, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a classe C no Brasil - com renda domiciliar entre R\$ 1.115 e R\$ 4.807 - passou de 43,2% da população em 2003 (73,4 milhões de pessoas) para 53,5% em dezembro de 2009 (101,6 milhões).

Ou seja, 28,2 milhões de pessoas passaram a integrar a classe média brasileira no período, equivalente aos dois mandatos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

É um grupo cujo peso político não é nada desprezível, em um universo formado por cerca de 126 milhões de eleitores. "Hoje a classe C como um todo já responde por 53% da população e por 46% da renda nacional. Esse eleitor mediano é o fiel da balança, é quem decide a eleição. Isso os torna alvo do interesse dos políticos", explica o pesquisador da FGV-RJ Marcelo Neri, que assina o estudo.

Claro, não se pode dizer que todas as pessoas que compõem a nova classe média votem da mesma forma. "A opção eleitoral tem muito a ver com os problemas mais importantes de cada conjuntura e como eles são encarnados pelos candidatos", explica o cientista político Bolívar Lamounier, um dos autores do livro *A Classe Média Brasileira: Ambições, Valores e Projetos de Sociedade*. Segundo ele, a classe média já alternou sua preferência ao longo de todo o espectro político em pleitos anteriores: após apoiar Fernando Henrique Cardoso nas eleições presidenciais de 1994 e 1998, ela deu preferência a Lula em 2002 e 2006.

Embora não se possa prever o voto, é possível analisar quais são os valores e ideias mais próximos dessa população. Quem traça o quadro é o sociólogo Rudá Ricci, autor do livro *Lulismo, da Era dos Movimentos Sociais à Ascensão da Nova Classe Média Brasileira*: "É uma população com um moralismo muito forte do ponto de vista retórico, mas sem uma ideologia definida nem uma relação fixa com um partido. Tende a ser liberal no cotidiano mas conservadora no discurso. É representada por uma pessoa que se dirá contra o aborto, mas que tem vários casos na família".

E quais são os temas que interessam diretamente à nova classe média? Segundo Neri, da FGV, ela "tem olhado para questões tão díspares como a segurança pública, o seguro-saúde, a previdência privada e o colégio particular para os filhos. Em termos políticos, a demanda é por segurança que a ajude a manter seu novo status".

Ricci destaca também o interesse desse segmento pelo consumo: "É um público que nunca antes teve acesso ao mercado de maneira regular e hoje frequenta cinema e shopping. Para essa nova classe C, o principal sonho de consumo é a TV de tela plana, e só depois vem outros produtos mais tradicionais como o celular e o carro".

Na opinião de Lamounier, "A classe média também tem mostrado muita preocupação social na hora do voto; isto - e um certo complexo de culpa pelas condições sociais do país - é o que levou grande parte dela para a candidatura Lula em 2002. Mas ela é também sensível à questão ética, à questão do papel do Estado, à da competência, e à da racionalidade da tributação e dos gastos públicos".

Já Ricci vê o peso da ética sobre a classe média de modo diferente: "Uma pesquisa do Ibope realizada em 2008 sobre o tema corrupção mostrou que grande parte dessa classe se diz contra o tema, mas que não teria problema em desviar recursos públicos para sua família, se tivesse o poder para tal. Portanto, esse não é um tema que assuste a população". Neri ressalta ainda o emprego.

Para ele, a classe C associa a carteira de trabalho assinada com estabilidade, porque o emprego informal não dá garantias. Segundo ele, candidatos que defenderem desregulamentação nessa área vão perder pontos.

Nos Estados Unidos, existe um velho ditado que diz que "quando éramos pobres, éramos Democratas (liberais). Quando ganhamos dinheiro, nos tornamos Republicanos (conservadores)". Será que isso também vale para os emergentes brasileiros? Lamounier diz que "a base de apoio social de Lula, os mais pobres, é assaz conservadora, em função do

Bolsa-Família e de outras ações governamentais.

No outro lado, o pensamento progressista requer uma visão mais voltada para o conjunto. Esta é mais comum entre os estratos sociais mais altos".

Para Neri, quanto mais se sobe, mais se tem a perder. Assim, a nova classe média "pode se tornar mais conservadora". E finaliza: "Ainda há muitos mitos sobre os emergentes. Erros serão cometidos durante a campanha, será um aprendizado. Os políticos vão ter que estudar muito ainda".